

AQUI VOCÊ ENCONTRA OS PRODUTOS DA: REDE SOLIDÁRIA DE MULHERES DE SERGIPE

Artes e Sabores de Carmópolis, Frutos da Restinga e dos Quintais das Catadoras de Mangaba de Sergipe



Parceria



VOZES EM REDE

Boletim Nº8 | Ano 3 | SERGIPE | 2024

- PÁG 1 - Capa
- PÁG 2 - Editorial/ Expediente
- PÁG 3 – Novidades da Rede
- PÁG 4 e 5 - Saberes e Fazeres
- PÁG 6 e 7 – Balançando a Rede
- PÁG 8 e 9 – “Nada sobre nós sem nós”
- PÁG 10 – Pluralidades
- PÁG 11 – Mulheres Inspiradoras
- PÁG 12 – E-commerce

Expediente
VOZES EM REDE
 Boletim Informativo Quadrimestral
 Projeto Rede Solidária de Mulheres de Sergipe

Presidente da Ascamai
 ALICIA SALVADOR
Coordenadora do Projeto
 MIRSA BARRETO
Equipe de Comunicação
 DJJNA TORRES
 MARÍLIA SOUZA
 RAUL MARX
 RITA SIMONE
Projeto Gráfico
 CLARISSA BARROS

Revisão
 MIRSA BARRETO
 RITA SIMONE
Correspondência:
 Rua da Alegria, 138 – DT PONTAL
 Indiaroba – SE CEP: 49250-000

Tiragem:
 1.000 exemplares

Impressão:

xxxxxxxxxx

Distribuição Gratuita.

Reprodução permitida desde que citada a fonte.

facebook.com/redesolidariademulheres
 @instagram.com/redesolidariademulheres
 www.redesolidariademulheres.com.br

Visite nossa Lojinha virtual.
 Click neste QR Code.



EDITORIAL

Impulsionadas pela força das mulheres que fazem parte da nossa rede de solidariedade, caminhamos a passos firmes nestes últimos quatro meses. Juntas, realizamos atividades que, de alguma forma, ficarão na nossa história e memória. Com a criatividade das integrantes do projeto e o suporte da equipe técnica multidisciplinar, estamos sempre nos surpreendendo com os saberes e fazeres das mulheres.

Mexer na terra, desenhar na massa do biscoito, aprender a cortar e costurar, trançar o crochê com as mãos, elevar a autoestima através da maquiagem, compreender a comunicação como uma ferramenta transformadora e discutir nosso cotidiano enquanto mulher em uma sociedade que prega a desigualdade de gênero, foram algumas das experiências do último quadrimestre. Além disso, reafirmamos a importância de divulgar nossos produtos e histórias para o mundo, via e-commerce, o que consideramos uma ação necessária, diversa e inclusiva para as comunidades.

Também ficamos honradas em receber da equipe do Del Mar Hotel a doação de parte dos lucros arrecadados do saboroso evento “Menu das Chefs”, uma iniciativa que valoriza os talentos e o fazer com afetividade, e que tem tudo a ver com a gente: mulheres corajosas e emancipadas unidas para mostrar seus trabalhos e empoderar outras mulheres!

Nesta edição, você vai encontrar nossas atividades, nas quais nós sentimos nossa trajetória de vida e de luta valorizadas e reconhecidas. Vale registrar que o projeto Rede Solidária de Mulheres de Sergipe é realizado pela Associação de Catadoras de Mangaba de Indiaroba (Ascamai), em parceria com a Petrobras e com o apoio da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e do Movimento de Catadoras de Mangaba de Sergipe (MCM).

Boa leitura!

NOVIDADES DA REDE

Ovos de Páscoa

Por estarmos em constante movimento, somos positivamente surpreendidas com novidades e possibilidades ao longo da nossa caminhada. Nas primeiras semanas de março, a equipe técnica da Rede Solidária recebeu representantes da empresa Nestlé para uma conversa sobre a perspectiva de parceria na produção dos ovos de Páscoa. Além disso, a equipe pontuou questões técnicas e práticas para a utilização do chocolate na elaboração de produtos, com o intuito de realizar novos testes e formulações.

E por falar em ovos de Páscoa, um grupo de dez mulheres da Rede participou, de 18 a 21 de março, do curso de fabricação de ovos de Páscoa, oferecido pelo Senac Sergipe e com o apoio do Instituto João Carlos Paes Mendonça. As aulas foram ministradas pela instrutora Edvane Andrade, na Fábrica de Chocolate, montada na Vila da Páscoa, nos Lagos da Orla da Atalaia, em Aracaju. Entendemos a importância das mulheres estarem em constante aprendizado. Por isso, oferecemos suporte desde a mobilização até a estada na nossa sede em Aracaju, viabilizando que todas possam ter a oportunidade de fazer cursos e atividades para se aprimorarem.

Para Ana Angélica, artesã de Carmópolis, o curso para a produção de ovos de Páscoa foi uma excelente oportunidade para aperfeiçoar técnicas e diversificar o produto. “Foi muito gratificante, a professora é excelente. Tudo que ela ensinou eu vou aplicar, já tenho todos os utensílios necessários em casa, pois já era uma vontade minha a de comercializar ovos de Páscoa. A aula me deu ainda mais motivação para começar”, disse.

Menu das Chefs

O projeto Rede Solidária de Mulheres de Sergipe foi escolhido pela equipe do Del Mar Hotel (Aracaju) para receber a doação de parte do valor arrecadado na terceira edição do “Menu das Chefs”, que aconteceu no dia 23 de março, no restaurante Veleiros. A escolha é fruto de uma parceria entre o Del Mar Hotel, a chef Andreza Machado e a Rede. É também uma forma de valorizar as mulheres e reconhecer a relevância de seus trabalhos para a sociedade.

Ao lado da chef Andreza, o “Menu das Chefs” contou também com as chefs Gui Fontes, da Singela Cozinha, Camila Faro, da Manda Brasa Minah, Thaina Alves, da Acayu, e Dan Duarte, da Dona Divina. Nesta edição, o evento teve a participação especial da chef carioca Bianca Barbosa, referência em comida brasileira afetiva, com raízes fincadas no sertão nordestino.

“Para nós, foi muito importante participar desse momento e ter sido a entidade escolhida para receber essa premiação que, com certeza, servirá para agregar mais aos nossos trabalhos nas comunidades com as mulheres Catadoras de Mangaba, as mulheres rendeiras, bordadeiras, e as artesãs. As chefs e o Del Mar estão de parabéns pela iniciativa e nós ficamos muito honradas e alegres por participar e sermos escolhidas para receber essa doação”, agradece Alicia Salvador, presidente da Ascamai.



1. O sucesso do Menu das Chefs 2024
 2. Oficina de Ovos de Páscoa na Vila da Páscoa 2024
 3. Reunião com representante da Nestlé e equipe técnica do projeto

SABERES E FAZERES

O trabalho formativo do projeto Rede Solidária de Mulheres de Sergipe permanece a todo vapor. Oficinas de educomunicação, processamento de alimentos, culinária, agroecologia, automaquiagem, crochê e corte e costura para roupas infantis, permearam estes quatro meses de atividades, contando sempre com o empenho e dedicação das mulheres, organizadas em suas comunidades e impulsionadas pelo desejo de aprender sempre (e ensinar), para que seus produtos comunitários sejam cada vez mais aprimorados. Seguindo nesse percurso, terrenos foram preparados para receber futuras hortas coletivas. Houve a revisão das boas práticas e dos POPs em algumas comunidades, confecção de roupas infantis e peças de crochê, fortalecendo assim o exercício da criatividade das participantes. Como não poderia deixar de ser, diálogos sobre violência de gênero, políticas públicas para mulheres e a importância das ferramentas de comunicação

para o desenvolvimento da comunidade, bem como a autoestima trouxeram uma importante reflexão sobre estética, autoamor e a relevância da força feminina para o tecido social. Além das oficinas periódicas, a dialogicidade foi mais uma vez potencializada, através da realização de live, webinários, encontros de auto-organização e workshop. Nesses espaços houve uma reflexão e problematização sobre o lugar da mulher na sociedade, a preservação ambiental, e os Direitos Humanos. As mulheres também apresentaram seus produtos em ambientes de comercialização, contando suas histórias e reforçando o valor estético e de pertencimento das suas peças, alimentos e acessórios. O pano de fundo de tudo isso foi constituído por rodas de escuta para sabermos das demandas e pensarmos coletivamente estratégias para cada contexto e realidade. Assim, seguimos juntas construindo caminhos de aprendizagem, alteridade e emancipação social.



Atividade deliciosa sobre recheio de trufas reuniu representantes das comunidades em Aracaju



1. Mulheres do povoado São José (Japarutuba) atentas a cada detalhe para enriquecerem seus conhecimentos
2. A autoestima revigorada com a oficina de maquiagem em Capuá, na Barra dos Coqueiros
3. Mulheres do Santa Maria (Aracaju) trocam experiências sobre as práticas agroecológicas
4. No povoado Pontal (Indiaroba), as mulheres aprendem o corte e costura de roupas infantis
5. Workshop sobre Mulheres e Direitos Humanos realizado em Carmópolis

BALANÇANDO A REDE

A Rede de Mulheres se constrói com muita atividade, aprendizado e troca de experiências. As ações têm o objetivo de gerar e fortalecer a autonomia, auto-organização e renda. Assim as mulheres vão construindo coletivamente suas produções e encorajando suas comunidades.



1. A mangaba virou recheio dos ovos de páscoa produzidos em Capuá (Barra dos Coqueiros) na oficina de processamento de alimentos.
2. Na oficina de agroecologia, mulheres apresentam o terreno e os pontos de água para a horta coletiva.
3. O diálogo sobre organização das mulheres foi divertido e construtivo na oficina de Educomunicação, povoado Lagoa do Junco (Poço Verde).
4. Olhar-se no espelho e amar-se é um dos ensinamentos da oficina de autoмаquiagem. As mulheres do povoado Alagamar (Pirambu) aprenderam direitinho.
5. Mulheres da oficina de corte e costura para roupas infantis, realizada em Pontal (Indiaroba), orgulham-se de seus trabalhos.
6. Povoado Porteirais contribuiu para o debate sobre organização de mulheres e emancipação através do esporte, na oficina de Educomunicação.
7. Relembrando ensinamentos sobre Procedimentos Operacionais Padrão (POPs) na oficina de Processamento de Alimentos, em Manoel Dias (Estância).
8. Cada passo e cada aprendizado trazem sorrisos para as mulheres de Carmópolis, no curso de crochê.
9. Apric recebe oficinas de Processamento de Alimentos e Agroecologia para ampliar suas atividades, em Divina Pastora.
10. Quando a autoestima está em dia, as mulheres não economizam nos sorrisos! Oficina de autoмаquiagem no povoado Mundéu da Onça (Neópolis).
11. As mulheres do povoado Flexeiras (Santo Amaro das Brotas) colocam a mão na terra para limpar o local onde será feita a horta coletiva.

NADA SOBRE NÓS SEM NÓS

De qual sustentabilidade as mulheres da Rede estão falando?

A palavra sustentabilidade vem do latim *sustentare* e significa conservar, manter, suportar, continuar, resistir. Nas duas últimas décadas, ela foi conceituada de inúmeras formas, muitas vezes por sujeitos distantes dos suores, saberes e fazeres das gentes brasileiras, viventes nas comunidades tradicionais, pequenas cidades do país ou nas aldeias dos povos originários.

Segundo pontua a pesquisadora Marta Irving (2014), a palavra sustentabilidade deve ser relacionada à coerência lógica das práticas concretas do cotidiano. No último Encontro de auto-organização realizado pela Rede Solidária de Mulheres, o respeito à toda forma de vida e preservação da natureza esteve nas falas das quase 20 lideranças sergipanas presentes. Elas manifestaram profunda preocupação também com a falta de atividades de educação ambiental promovidas pelo Estado, nos seus municípios e comunidades.

Como sabemos, o território é muito mais que o lugar habitado. Ele é um espaço para o fortalecimento de modos de vida tradicionais e cultura, é um campo para o cultivo da subsistência e cooperação mútua, apesar das tensões e contradições que enfrenta. Talvez por esse motivo as mulheres da Rede trouxeram ao Encontro uma semântica coletiva, que reúne elementos para que a preservação da natureza seja permanente nos seus lugares de origem, já que plantas, rios, mangues e roças dão sentido também simbólico aos desafios e ao processo educativo das gerações futuras.

Por tudo isso, elas têm como ponto de partida três perspectivas básicas sobre a sustentabilidade: a ambiental, a social e a econômica. Defendem que elas estão enlaçadas e que são praticadas no próprio DNA de cada pertencente de comunidade tradicional. “Defender a natureza, as mangabeiras, os mangues e rios é o nosso dia a dia, desde que nascemos”, afirmou no evento a presidente da Associação das Catadoras de Mangaba, Alicia Salvador.

Logo, para se fortalecer o movimento que busca conservar, preservar e resistir para existir, as mulheres são vitais. No caso de Sergipe, as da Rede Solidária têm construído práticas que atravessam o mar e tem nos inspirado cotidianamente.

PLURALIDADES

Rede e diversidade

A pluralidade de hábitos, costumes e habilidades é uma grande marca do Projeto Rede Solidária de Mulheres de Sergipe. Formado por mulheres diversas, o trabalho intenciona reforçar e destacar a diferença como fator potencializador e único de cada mulher em suas respectivas regiões.

No povoado São José, em Japarutuba, Marilene dos Santos Moura, mestra do reisado, manifestação cultural que ocorre de dezembro a janeiro, acompanhada pelo som da zabumba, do triângulo e da sanfona e que está relacionada às comemorações dos reis magos e ao nascimento de Jesus, resgata a história e a importância para a preservação da cultura local. “O Grupo Reisado de São José foi retomado no ano de 2000, pelas brincantes Vilma, Marilene e Jerusa, e um grupo de alunos da Escola Municipal. Começamos como uma brincadeira. Hoje já estivemos em vários lugares dentro e fora de Sergipe, mostrando a cultura de nosso povoado”, disse Marilene.

A presidente da Ascamai, Alícia Salvador, destaca que é muito importante a valorização da cultura nas comunidades, como forma também de trabalhar a questão do empoderamento feminino. “Em nossa comunidade temos a cultura do reisado, uma tradição de anos que envolve toda a comunidade com cantorias e danças tradicionais, e esse envolvimento é também uma maneira de fortalecer as tradições e valorizar a força da mulher nos processos de preservação da cultura de nosso território”.

Mãos que alinhavam a vida

Desde a infância, Maria Ivanete Cardoso de Jesus, carinhosamente conhecida por Nanny, aprendeu com sua mãe a rendar. Artesã de mãos cheias da cidade de Divina Pastora, que produz peças de variados modelos de Renda Irlandesa, Nanny é uma das habilidosas mulheres que fazem parte da Rede, e que através do ofício passado de maneira geracional, transforma trabalho em arte-terapia.

“A Renda Irlandesa entrou na minha vida na infância, passando de geração em geração. Atualmente é uma forma de complementar a renda da casa e eu tento passar o ofício para as minhas filhas, que já estão seguindo os passos e produzindo peças maravilhosas. Quando faço a renda esqueço de tudo, por isso ela é uma terapia para mim e quero passar para as próximas gerações. A renda conta a nossa história, mas também faz bem à nossa mente e autoestima”, conta, Nanny.

De acordo com Mirsa Barreto, coordenadora do projeto, a valorização da cultura e identidade de cada local é uma forma de preservar a história e a memória de seus territórios. “As manifestações culturais contam as histórias das comunidades e, vale destacar, a maioria delas é formada e conduzida por mulheres. O projeto tem também como objetivo a defesa e a preservação dos territórios a partir da auto-organização das mulheres”, concluiu.



1. Reisado São José, do povoado São José, em Japarutuba
2. Renda Irlandesa pelas mãos de Nany Cardoso



MULHERES INSPIRADORAS

MULHERES
INSPIRADORAS
UMASOBE
PUXAAOUTRA

As mulheres que fazem essa Rede balançar são verdadeiras guerreiras que, no dia a dia, dão sentido à luta histórica por justiça, igualdade de gênero e direitos. Elas decidiram que não ficariam mais sozinhas, porque suas demandas são coletivas. Sabem que a força de uma está na força e na vitória da outra, que é legal ser pioneira em algo, mas que o mais legal é abrir portas para mais e mais mulheres. Por isso, este espaço é reservado para apresentar as “Mulheres Inspiradoras” que constroem a Rede Solidária de Mulheres de Sergipe.



Ieda Gomes da Cruz, 51 anos, nascida em São Paulo, formada em pedagogia, mudou-se para Sergipe há 18 anos, por conta de um grande amor que deu certo até onde foi possível, e mora no povoado Marimbondo, em Pirambu, terra da sua mãe, dona Leda. Ieda lecionou por alguns anos aqui em Sergipe, mas vê o artesanato como sua fonte de satisfação. Gosta de estudar e criar peças novas, e gosta também de participar das feiras e eventos junto às mulheres da Rede, ampliando contatos e trocando experiências com as outras artesãs. Criativa, positiva e compreensiva, ela anima os espaços por onde passa. Aprendeu a não se calar diante das situações, emite sua opinião e defende seus ideais como a mulher empoderada que é. Ieda diz que as mulheres têm que acreditar nelas mesmas, valorizar a autoestima e correr atrás dos sonhos respeitando seus limites.



Laize Feitosa de Souza, 47 anos, nascida em Propriá, mãe de seis filhos e avó de sete netos. Mora no povoado Flexeiras, em Santo Amaro das Brotas, há 15 anos, onde é carinhosamente chamada de Amada por todas as pessoas. Laize é uma mulher solícita e resiliente, criada por um agricultor e uma costureira - bordadeira. Viveu relacionamentos conturbados, que a feriram externa e internamente, por isso, precisou lutar para poder rever dois dos seus filhos. Considera-se uma mulher corajosa. Encontrou no artesanato e na produção de doces, hoje suas principais fontes de renda, uma paixão. Como costuma dizer, Amada é uma sobrevivente e aconselha que “as mulheres sigam em frente, que se levantem mesmo quando machucadas, que se apoiem e se cuidem para poder vencer”.



Maria Ivanete Cardoso de Jesus, 40 anos, nascida em Divina Pastora, filha de um trabalhador da roça e de uma rendeira. Nany, como é conhecida, aprendeu a fazer a Renda Irlandesa aos sete anos, inicialmente como uma brincadeira e depois, por incentivo da mãe, como modo de vida e permanência de uma prática geracional. Nany tem três filhos e também repassou seu conhecimento aos descendentes. É professora de outras mulheres que querem aprender a arte ancestral da Renda Irlandesa. Gosta de cozinhar e tem o sonho de voltar a estudar e fazer gastronomia. Ela faz de tudo um pouco “com muito prazer”, aproveitando cada momento que os trabalhos manuais lhe proporcionam. Diz que as mulheres não podem desistir de sonhar, de correr atrás de seus sonhos e que “sempre há uma oportunidade de sermos melhores para nós e para as pessoas que amamos”.



Amanda Alves Divino, 28 anos, nascida em Aracaju e criada em Canhoba chegou ao povoado Manoel Dias, em Estância, para morar com a sua avó. Filha de uma dona de casa e de um fazendeiro, falecido há três anos, por quem se emociona de saudade ao falar dele. Mãe de dois filhos, Amanda aprendeu com as Catadoras o beneficiamento da mangaba, transformando a fruta símbolo do estado em produtos caprichosamente deliciosos. Gosta de cozinhar e se considera uma mulher empoderada. Gosta do acolhimento que recebe da grande família de mulheres corajosas da comunidade e deseja que elas não deem ouvidos quando disserem que não são capazes, porque “as mulheres são capazes de todas as coisas”.